

Henrique Magalhães

Academia não é amarelinha



Henrique Magalhães

Academia não é amarelinha



Paraíba, 2016

Academia não é amarelinha

Henrique Magalhães

2016 - Série Quiosque, 46



MARCA DE FANTASIA

Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB. 58045-180
marcadefantasia@gmail.com
www.marcadefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia - CNPJ 19391836/0001-92 e um projeto de extensão do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Diretor/editor: Henrique Magalhães

Conselho Editorial:

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB; Alberto Pessoa - UFPB; Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP; Gazy Andraus, UNIMESP; JJ Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN; Marcos Nicolau - UFPB; Nilton Milanez - UESB; Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP; Waldomiro Vergueiro, USP; Wellington Pereira, UFPB

Editoração: H. Magalhães

Foto da capa: Kalyne Vieira

M1188a

Magalhães, Henrique

Academia não é amarelinha. / Henrique Magalhães. - Paraíba: Marca de Fantasia, 2016.

80p.: il. (Série Quiosque, 46)

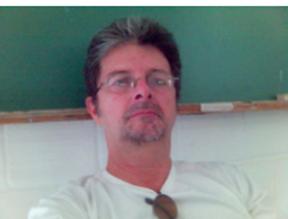
ISBN 978-85-67732-63-3

I. História em quadrinhos. 2. Comunicação de massa. I. Título

CDU: 741.5

Sumário

Apresentação	5
O memorial	8
Primeiros passos	10
Descoberta de possibilidades infindas	15
Arte de comunicar	28
Uma vida acadêmica	36
Ensino e extensão	42
Mestrado e novo Departamento	65
À guisa de conclusão... só o começo	77
Autor	79



Apresentação

Num cotidiano inundado por aparelhos eletrônicos, é difícil ver crianças brincando à moda antiga, na rua, no chão de terra, com seus peões, carrinhos artesanais, bolas de gude, jogando baleado, pega-pega, garrafão, academia. Talvez uma ou outra dessas brincadeiras ainda resista ao tempo por seu caráter didático, como a *academia*, e seja aplicada nas primeiras séries escolares, mas em meu tempo tudo isso era praticado com todo seu potencial lúdico e espontaneidade pueril.

A *academia*, também chamada *amarelinha*, era uma das mais usuais, unindo meninos e meninas num universo infantil ainda sem partição de gênero. Consistia em saltar várias casas com uma perna só, sobre um desenho riscado no chão em forma de avião, com o objetivo de atingir a última casa, chamada de céu. Antes, porém era preciso atirar uma pedra para demarcar uma das casas, que deveria ser pulada na ida e apanhada na volta, para então dar início ao jogo.

A vida, num todo, tem certa analogia com uma *academia*, por vezes tão prazerosa quanto a brincadeira, quase sempre com dificuldades e desafios prementes. O objetivo para a vida não é chegar ao céu - ao menos para esse humilde ateu que tenta fazer seu *céu* aqui mesmo na terra, em sua breve existência - mas rea-

lizar da melhor forma possível sua trajetória, seja nas relações familiares e amicais, seja na vida afetiva ou mesmo na criativa e profissional.

Como na *academia* infantil, ou nos videogames da atualidade, fui construindo minha vida saltando os obstáculos que foram aparecendo com as mudanças de níveis, que impunham cada vez mais velocidade e dificuldade à medida que se iam sucedendo. Assim se deu em dois aspectos dos mais marcantes de minha jornada, o artístico e o acadêmico, este tratando-se de um outro modo de fazer *academia*.

Academia é um termo de origem grega que remete ao grupo de filósofos reunidos por Platão em torno do século III aC. Na atualidade, Academia pode significar a reunião de pessoas especializadas em determinada área, o sistema educacional como um todo, bem como estabelecimentos de ensino superior, artísticos, esportivos etc. Nesse sentido de construção cognitiva e profissional fui delineando minha história, entrecruzando a vida acadêmica com uma perseverante obra artística (www.dicionarioinformal.com.br).

Este relato seletivo mostra o entrelaçamento da Arte com a Academia, que foi se aprofundando a ponto de torná-las indissociáveis, ambas fornecendo elementos à progressão de si e da outra. Há muito de empenho e concentração nesse percurso, tombos e quedas inevitáveis para chegar a um imaginário céu ou topo idealizado.

Desde 1986 minha vida acadêmica como docente transcorreu nos bancos da UFPB, primeiro no Curso de Comunicação Social, em seguida no Mestrado em Comunicação e no Curso de Comunicação em Mídias Digitais. Em 2016, ao completar 30 anos de ensino, pesquisa e extensão, estava apto a galgar o nível mais alto da carreira acadêmica, com ascensão à categoria de Titular. Para atingir esse objetivo, como parte dos requisitos elaborei o texto que segue, um memorial descritivo de minhas atividades na UFPB, ampliadas com a origem e desenvolvimento de minha trajetória artística e formação educacional. O memorial foi apresentado em 13 de maio desse ano no Centro de Ciências Médicas para uma banca formada por Professores Titulares da UFPE, presidida pelo Diretor do Centro, Professor Dr. Eduardo Sérgio Soares Sousa.

Apesar do empenho em abordar os momentos, acontecimentos e produções mais significativos dessa carreira, lacunas são inevitáveis por falhas da memória ou pela necessidade de síntese, afinal o memorial não é bem uma biografia assim como Academia não é *amarelinha*.

O Memorial

A vida acadêmica não começa nem termina nos bancos da Universidade, mas não se pode negar a importância que esta tem para a abertura da mente e consolidação dos valores éticos e criativos dos jovens, além da própria formação profissional. Para quem escolheu a carreira acadêmica – o ensino, a pesquisa e a extensão –, como atividade laboral, a Universidade perpassa boa parte da vida, numa contínua aprendizagem e disseminação de conhecimento.

Quando já se percorreu quase todas as etapas da vida acadêmica, a possibilidade de dar o último passo na carreira profissional e chegar à categoria de “Titular” se faz um desafio não meramente burocrático, mas uma ótima oportunidade para promover a autoavaliação, o olhar vertical e, por que não, crítico de uma vida dedicada ao saber. Entre a tese acadêmica, que sempre faz parte de nossa vida cotidiana e o memorial, preferi debruçar-me neste, não porque pareça uma tarefa fácil, que não é, mas pela oportunidade de compartilhar, de forma organizada e em perspectiva, o quanto a Universidade me proporcionou de lastro e motor para uma produção pedagógica, artística e cultural que, com humildade, pode ter contribuído para a formação de um bom punhado de jovens nos meus 30 anos de vida acadêmica.

A candidatura ao nível de “Titular” constitui-se, portanto, numa etapa decisiva de minha carreira na Universidade, fase em que a pretensa maturidade intelectual ganha contornos de magnitude, embora sempre incompleta; a visão crítica se mostra mais aguçada, a cobrança pessoal se torna impositiva no encalço da eficácia do ensino, do maior alcance dos projetos de extensão, da pesquisa qualitativa. Com este memorial pretendo fazer o balanço que demonstre as etapas que tornaram esse percurso possível e que não se esgota aqui.

Não por sorte ou mero acaso, consegui aliar o gosto pessoal nos estudos, a produção artística e o ensino, trazendo para os bancos da Academia os processos criativos e investigativos que se fizeram essenciais na construção de uma personalidade que se propunha inteira em suas intenções e atos. Esse entrelaçamento mostrou-se absolutamente eficaz ao dedicar-me, por exemplo, ao ensino de disciplinas como “Laboratório de Pequenos Meios”, “Comunicação Dirigida”, “Editoração” e “Fanzines e HQtrônicas”, em que minha vivência no meio e o domínio dos processos de produção puderam ser demonstrados em uma pedagogia movida pelo prazer.

Primeiros passos

A leitura me chegou, surpreendentemente, na primeira infância, ao folhear os livros ilustrados e as revistas em quadrinhos. Não se trata da leitura formal, baseada no verbo, mas na magia do encadeamento de imagens, que de forma lógica e intuitiva nos conta histórias. Vivemos uma era repleta de imagens simbólicas, que se fazem representar na iconografia urbana e suas sinalizações, no movimento sedutor do cinema e da televisão, na imersão dos jogos eletrônicos e nas histórias em quadrinhos, que são a porta de entrada desse mundo fascinante.

Algumas dessas expressões artísticas e culturais não eram predominantes em minha infância, ou nem existiam. Nasci em João Pessoa, em 17 de agosto de 1957, numa família humilde, mas com a grandeza de valorizar a educação e as artes. A década de 1960 era essencialmente analógica, em que o impresso exercia ainda um papel – eis um jogo de palavras próprio às tiras humorísticas – de propagador cultural, com a vantagem de ser acessível e barato. Vivíamos o auge de um modelo de “cultura de massa” que iria sofrer fortes transformações nas décadas seguintes, com o avanço dos meios eletrônicos e digitais.

Ao contrário dos videogames atuais, que encantam meu filho de dez anos, os quadrinhos eram a mídia predileta pelo carisma

dos personagens que povoavam nossas fantasias e marcavam presença renovada todo mês. Malgrado a desconfiança de pais e educadores à época sobre os alardeados malefícios de sua leitura para a formação dos jovens, foi com o estímulo de meus pais que os heróis dos quadrinhos se tornaram meus queridos companheiros, compartilhados em pé de igualdade com os amigos da infância.

Com os quadrinhos aprendi a força da representação das imagens e das palavras, desenhadas de diversas formas nos balões e nas onomatopeias; os quadrinhos me trouxeram conceitos de companheirismo, solidariedade e heroísmo; estimularam a imaginação; pela observação e cópia foram minha escola de desenho; contribuíram, de forma inequívoca, para meu processo de alfabetização.

Os quadrinhos marcaram tão profundamente minha formação que me acompanham na vida e na Academia até hoje, sendo objeto da maioria de meus trabalhos de pesquisa e extensão, além de fazerem parte de minhas disciplinas na Graduação e na Pós-Graduação. Os quadrinhos paraibanos foram o tema de minha monografia de conclusão do Curso de Comunicação Social na UFPB, em 1983. No Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, na Universidade de São Paulo, em 1990, defendi a dissertação de Mestrado que analisava as publicações alternativas de quadrinhos e os fanzines; bem como no Doutorado em Sociologia na Université Paris 7, na França, em 1996, em que os

fanzines foram abordados de forma comparativa em seus modos de produção na França, em Portugal e no Brasil.

No ensino formal, toda a primeira fase do “Curso Primário”, que hoje corresponde ao “Ensino Fundamental”, foi cursado nos bancos de madeira da escolinha do bairro. Até à “Admissão”, que era o teste de entrada no “Curso Ginásial”, devo às professoras queridas Ivete e Pequena a dedicação quase maternal com que me ensinaram a ler e escrever, a praticar a tabuada, a fazer os primeiros cálculos, o estímulo para a descoberta do conhecimento. O “Ginásial” foi cursado numa das escolas privadas mais conceituadas da cidade, o Instituto Presidente Epitácio Pessoa, dirigido por Maria Bronzeado Machado, com meia bolsa do governo federal e o sacrifício visionário de meus pais, que queriam me oferecer o melhor ensino.

O “Curso Científico”, hoje “Ensino Médio”, foi feito, por opção, em duas instituições públicas, o Liceu Paraibano e o Colégio



Liceu Paraibano, ainda hoje uma importante instituição de ensino público. Foto: internet

Estadual Bairro dos Estados. No Liceu Paraibano cursei apenas o primeiro ano, mas me transferi por motivo de uma reforma curricular, que implantava nessa instituição o ensino técnico. A qualidade do ensino público era reconhecida e, sem dúvida, essas duas escolas primaram por uma boa formação que me garanti-ram a entrada na Universidade.

No Colégio Estadual Bairro dos Estados fiz grandes amizades, tive contato com professores sensíveis, que acompanharam os primeiros passos de minha aventura artística e editorial. À época com 17 anos, criei a personagem de quadrinhos *Maria*, saudada com entusiasmo pelos colegas de classe e pelos professores Alba Regina, Vilma Batista, Aléssio Toni, José Nilton, José Flávio e Márcia Steinbach, amigos que ganhei nas várias fases de meu aprendizado.

No colégio, ensaiei a edição de publicações artesanais em mimeógrafo, que apesar de rústico processo de impressão, me introduziu no universo editorial, o qual jamais abandonaria.



Primeira tira da personagem *Maria*, criada em 9 de julho de 1975



Capa da edição de primeiro aniversário de *Maria*, julho de 1976, impressa em mimeógrafo



No início *Maria* era uma solteirona em busca de companhia, mas já apresentava a crítica política e social

Descoberta de possibilidades infindas

A afinidade com o desenho levou-me a uma escolha natural como projeto profissional. Em 1976 passei no vestibular para o Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, onde permaneci até 1981. A entrada na Universidade causou uma verdadeira revolução em minha vida. A diversidade cultural e a ampliação dos horizontes contribuíram para minha formação bem mais que o formalismo acadêmico. Vivíamos tempos conturbados de resistência ao regime político de exceção e a formação ampla pela cidadania aflorava irresistível nas reuniões dos Diretórios Acadêmicos, no movimento de reconstrução da UNE, nas palestras e outros eventos que se organizavam em todos os recantos estudantis do país.

A Universidade Federal da Paraíba também vivia um momento especial, com a iniciativa exitosa do reitor Lynaldo Cavalcanti de consolidação e ampliação do Campus Universitário com a abertura de novos Cursos, como o de Arquitetura e Urbanismo em 1975 e o de Comunicação Social em 1977. Uma leva de profissionais de todo o país veio reforçar o quadro local de professores, gerando um choque cultural que transformou não só a Universidade como também os arraigados costumes conservadores da cidade.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo e minha produção artística foram se desenvolvendo simultaneamente, não sem registrar conflitos estéticos e políticos. A personagem *Maria* ganhava as páginas dos jornais do estado e se transformava numa personagem crítica e questionadora. Edições alternativas da revista *Maria* conquistavam um público fiel principalmente na capital do estado, alcançando eventuais leitores de outras partes do país.

O formalismo acadêmico fez com que alguns professores estranhassem a liberdade expressiva de meu desenho caricatural, mais utilizado na estética do cartum. Na disciplina “Paisagismo” cheguei a ser criticado porque meus exercícios tinham mais relação com cenário de quadrinhos que de representação ambiental, como se houvesse um formato padronizado para se ver e interpretar o mundo. Nesse ponto percebi que meu desenho livre não cabia na tensão das linhas traçadas com esquadro, régua “T” e compasso, que meu papel não tinha a ver com o vegetal dos projetos arquitetônicos, mas com o cartão branco, de onde fazia brotar compulsivamente o olhar idiossincrático que dava vida às tiras humorísticas de *Maria*.

A personagem *Maria* era mais que uma expressão cartunística a abordar as facetas políticas e sociais que nos envolvia, serviu também como um laboratório editorial. Com *Maria* comecei a frequentar os impressores da cidade, desde o parque gráfico do jornal *A União* às pequenas gráficas do centro da cidade, que trabalhavam com máquinas compactas de mesa. Mais que a pu-

blicação diária nos jornais, o anseio de todo quadrinista é ver sua revista nas bancas disputando espaço com a plêiade de personagens que estimulavam nossa imaginação. Em 1978 eu viria a lançar o primeiro número da revista *Maria*, de uma série que chegou a 10 edições.



A revista *Maria* n. 1 circulou nas bancas do estado em 1978

A inspiração para o lançamento da revista *Maria* veio da imprensa alternativa e não poderia ser de outro modo. Nunca tivemos e nem temos ainda um mercado que privilegie as criações nacionais; mais desfavorável ainda era a realidade na época em um estado periférico como a Paraíba. A editora Codecri, que editava o *Pasquim*, também lançava a revista *O Bicho*, com o melhor dos quadrinhos nacionais, e a revista *Fradim*, de Henfil. Sem a presunção de querer comparar meu trabalho com o do genial cartunista

mineiro, não seria falacioso dizer que a série de revistas *Maria* que passei a editar tinha inspiração direta de sua revista *Fradim*.

Como jovem estudante, recém-ingresso na Universidade, precisaria de um longo caminho de aprendizagem e amadurecimento para fazer um trabalho humorístico apenas razoável, com a sagacidade que se espera dessa arte. Mas *Maria* contribuiu para a reflexão sobre aquele momento extremo de conflitos políticos e ideológicos, tornando-se uma voz ativa que entusiasmava seus leitores e até mesmo fãs.

As edições de *Maria* seguiam o formato da revista *Fradim*, seja no design horizontal de página, seja na distribuição do conteúdo. Para cada número havia uma história em quadrinhos inédita com um tema exclusivo; a publicação se completava com a compilação de tiras publicadas nos jornais. Dez edições de *Maria* foram lançadas entre 1978 e 1982, sendo distribuída em bancas de todo o estado por Garibaldi Cidadino; algumas edições chegaram a circular em Recife e Natal. Além dessa série, foram lançadas as edições de primeiro

Em 1976 começava a perceber criticamente os conflitos político-sociais



aniversário, em 1976, a revista *Veneta*, em 1977 e o álbum *Maria: a maior das subversões* em 1984, fechando a primeira fase de publicações.



Primeiro álbum de *Maria*, que marca uma virada em sua criação

Outros projetos editoriais viriam motivados pelo fazer acadêmico que me conduziria a novos rumos. O memorial descritivo sobre essa fase de produção, bem como alguns exemplares em fac-símile, podem ser acessados em <http://www.memorialhqpb.org/publicacoes/revistas/maria/maria.html>.

A experiência editorial foi uma escola paralela a minha formação. Ao mesmo tempo em que lidava com chapas e fotolitos, com produção e distribuição, imiscuí-a-me nas redações dos jornais para a publicação de artigos sobre quadrinhos e *releases* de minhas edições. A proximidade com o meio jornalístico viria a ser fundamental para as decisões que tomaria quanto ao meu futuro profissional.

A Universidade teve papel muito importante em minha formação não apenas pelos conteúdos acadêmicos que ministrava. Alguns professores ditos “estrangeiros” pela imprensa conservadora local – os que vieram de outros estados para preencher as vagas oferecidas pelos novos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Comunicação Social e Educação Artística – fomentaram uma transformação política e cultural que marcaria de forma indelével toda uma geração.

Era difícil ser estudante universitário naquele momento e alienar-se. Na Universidade construímos a história de nosso engajamento político como era possível, tendo, muitas vezes, que transpor os limites estabelecidos. Atuei na criação de Diretórios Acadêmicos, que se transformaram em Centros Acadêmicos. Particpei em 1979, em Salvador, do congresso de reconstrução



Estudantes de todo o país se reuniram em 1979 em Salvador para reconstruir a UNE. Foto: internet

da União Nacional dos Estudantes – UNE –, ainda proibida pelo governo militar. Os congressos acadêmicos aconteciam em vários estados, dos quais participei como representante estudantil.

Num dos congressos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC –, no início da década de 1980 também em Salvador, os chamados movimentos de minorias se fizeram presentes politicamente, com debates e manifestações. Esses movimentos eram constituídos por feministas, negros, indigenistas e homossexuais, que lutavam pela redemocratização do país tanto quanto por suas pautas específicas, contra o machismo, contra o racismo, pelos direitos dos índios, contra a discriminação de gênero e sexual.

Movido por essas lutas “minoritárias” que cresciam no país, junto com outros estudantes e professores da Universidade Federal da Paraíba, criamos em 1980 o grupo “Nós Também”, primeiro na Paraíba na luta contra o preconceito e pela dignidade dos homossexuais. O coletivo transformou-se em um grupo de estudos sobre a homossexualidade, funcionou como um fórum de debates, promoveu a conscientização de seus integrantes e manifestou-se por meio de linguagens artísticas, de forma lúdica e provocativa.

O “Nós Também” teve curta duração, não chegou a três anos de existência, mas deixou um legado considerável, que ainda pode ser visto na produção dos filmes *Baltazar da Lomba*, de criação coletiva, e *Era vermelho seu batom*, de minha autoria;

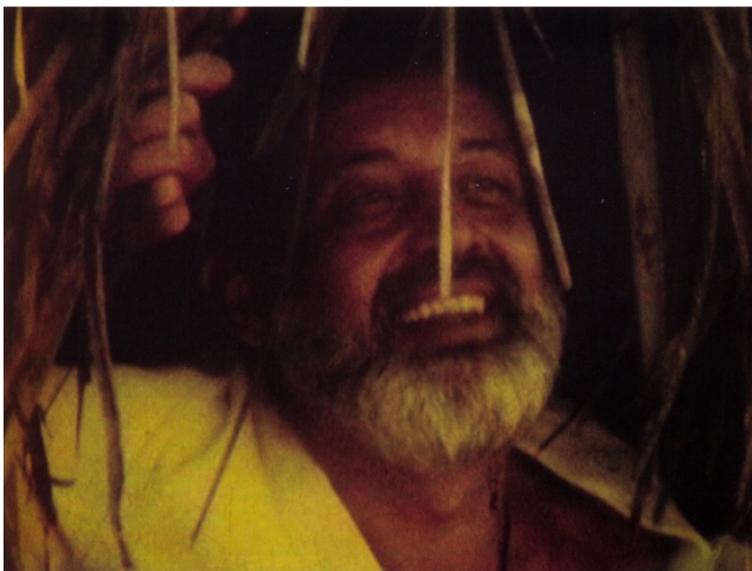
Henrique



Chico
e José Augusto

Newton
e Lauro

Representantes do Nós Também em encontro de
grupos homossexuais em Olinda



Baltazar da Lomba, imersão do grupo Nós Também
na produção cinematográfica



Cartão postal de *Maria e Pombinha*, engajamento na luta do grupo Nós Também

notabilizou-se por suas intervenções gráficas e editoriais, com postais e livros, bem como outdoors, grafites e murais. Esses filmes realizados em Super-8 no início da década de 1980 participaram entre os dias 11 e 14 de novembro de 2013 da “Mostra Cinema Memória”, dentro do projeto de restauração dirigido pelo professor Fernando Trevas, do Curso de Cinema e Audiovisual do Departamento de Comunicação da UFPB.

Livros lançados pelo grupo Nós Também com projetos gráficos de Magalhães



Grafite e outdoor, intervenções poéticas no espaço urbano



Toda essa agitação que eclodira com a abertura política do final da década de 1970, com a anistia e a criação dos partidos políticos, não podia apartar-se de nossa vida acadêmica, ao contrário, era parte imprescindível para a formação profissional e para o exercício da cidadania. O Curso de Arquitetura e Urbanismo, por sua relação indissociável com as artes, fora um celeiro para vários tipos de manifestações, como oficinas de outdoor artesanal, publicações alternativas, exposições de artes plásticas, das quais participei, juntamente com os colegas, como promotor e expositor.

Mas nem tudo ia bem em meu desempenho no curso. Apesar de evoluir nas disciplinas ligadas à criatividade, como “Geometria Descritiva” e “Projetos de Edificações e Urbanismo - PEU”, a sequência de disciplinas voltadas à área técnica, como “Cálculo” e “Física”, tornaram-se um transtorno para mim. Diferentemente de algumas Universidades do país, em que o Curso de Arquitetura encontra-se na área de Artes, na UFPB fora implantado no Centro de Tecnologia, em que as disciplinas técnicas se impunham.

Inicialmente sem cogitar abrir mão dos quatro anos que já havia cursado na Arquitetura e Urbanismo, minha proximidade cada vez maior com o Jornalismo levou-me a fazer novo vestibular em 1980 para o Curso de Comunicação Social. Em 1981 já estava cursando a habilitação de Jornalismo concomitantemente com Arquitetura e Urbanismo, mas como os dois cursos são ofe-

recidos pela manhã, o choque de horário das disciplinas praticamente inviabilizou a continuidade da dupla formação.

Mais uma vez a vida me colocava em uma situação limite, em que tinha que tomar uma decisão que mudaria seu rumo. Em 1975, ao passar no vestibular para o Curso de Arquitetura e Urbanismo, fui aprovado em concurso para a Caixa Econômica Federal, que era a melhor carreira profissional em nível federal e em termos econômicos naquele momento. Mas para assumir a profissão de economiário era preciso abrir mão da Universidade já que o Curso de Arquitetura e Urbanismo era diurno, portanto incompatível com o trabalho.

Apesar da necessidade premente de trabalhar para ajudar no orçamento familiar, com 18 anos tive que renunciar ao emprego promissor para iniciar o sonho de fazer um curso universitário. Esse conflito tornou-se particularmente cruel, já que a realidade econômica se impunha ao sonho de uma formação acadêmica que poderia ser bem mais significativa para minha vida. Contradizendo as expectativas, a decisão tomada foi a de investir nos estudos assumindo as responsabilidades e consequências pelo ato.

Em 1981, ironicamente, estava abandonando o Curso de Arquitetura e Urbanismo para começar outro, com o peso que isso representava. Não foi uma decisão fácil, tendo em vista a decisão anterior de largar o emprego para fazer o primeiro curso, mas tinha a convicção que o melhor caminho seria tornar-me jornalista e exercer com mais domínio e paixão o que gostava de fazer.

Alguns anos depois, ao encontrar um dos meus professores de Arquitetura e Urbanismo, fui questionado como me foi possível deixar um curso tão nobre, que prometia um grande futuro profissional, pelo Jornalismo, uma profissão sem tanto prestígio. Sem dúvida, senti falta dos bancos da Arquitetura e Urbanismo, das projeções tridimensionais que costumava fazer com meus projetos, das intervenções urbanas com murais que tanto sonhava. Mas nunca lamentei a escolha pelo Jornalismo, curso que me levaria a uma vida acadêmica plena, primeiro como estudante, em seguida como professor.

Arte de comunicar

A entrada no Curso de Comunicação Social se deu com vantagem, não tive que cursar todas as disciplinas básicas pois já as havia cursado no Curso de Arquitetura e Urbanismo. Além disso, minha aprendizagem empírica nos jornais ajudou-me a ter um bom desempenho nas disciplinas específicas de Jornalismo, contribuindo de forma substancial para minha formação.

Logo no primeiro ano do curso descobri atividades complementares que muito me empolgaram. Havia, entre os estudantes, iniciativas de experimentação da linguagem cinematográfica que culminaram com a realização de documentários de curta-metragem na bitola Super-8 (8mm). O baixo custo e as facilidades técnicas de filmagem e manuseio desse tipo de película possibilitaram a produção desses ensaios, abrindo campo para o investimento nessa forma de expressão.

No final da década de 1970, o Curso de Comunicação Social, juntamente com o Curso de Educação Artística formavam o Departamento de Artes e Comunicação - DAC, que reunia um grande número de professores com múltiplas habilidades: Jornalismo, Relações Públicas, Radialismo, Artes Cênicas, Artes Plásticas e Educação Musical. Desse conjunto era natural que surgisse uma efervescência artística e cultural como prática de ensino, pesquisa e extensão.

Contando com esse potencial, criou-se um dos projetos mais exitosos naquele período na UFPB, o Núcleo de Documentação Cinematográfica - Nudoc, entidade ligada diretamente à Reitoria, mas sob o comando do professor/maestro Pedro Santos, do DAC.

A Paraíba teve presença marcante na cinematografia nacional com o curta metragem *Aruanda*, de 1959, deflagrador do movimento Cinema Novo. Este fato abriu espaço para o surgimento de alguns cineastas locais que se tornaram renomados, como Vladimir Carvalho, construindo uma tradição documental. Linduarte Noronha, autor de *Aruanda*, era também professor do Curso de Comunicação Social, o que, certamente, contribuiu para a implantação do Nudoc de forma tão imbricada ao DAC. O Nudoc contou para sua estruturação com um convênio com o Atelier Varan, da França, que forneceu equipamentos, realizou cursos na Paraíba e promoveu o intercâmbio de professores, alunos e cineastas, que fizeram estágios na sede de Paris.

Após fazer o primeiro estágio de formação de documentário em super-8 no Nudoc, que resultou no exercício cinematográfico *Tá na rua* (1981), sobre o grupo teatral carioca do diretor e ator Amir Hadad, fui um dos escolhidos para aprofundar os estudos na Varan, em Paris, entre dezembro de 1981 e fevereiro de 1982. Nesse estágio, além da inigualável experiência do confronto cultural, realizei, em parceria com o também estudante de Jornalismo Torquato Joel, o curta metragem *Les Etoiles* (1982), sobre dois cantores brasileiros que faziam sucesso na cena parisiense.



Em cima, *Tá na rua*, exercício cinematográfico em super-8; em baixo, Luiz Antonio e Rolando Faria, *Les Etoiles*

Apesar de curta, a vivência em Paris mostrou-me muito mais que a linguagem cinematográfica e o deslumbramento com o novo “velho mundo”. Com sua exuberante produção editorial, abriu-me os olhos para novas possibilidades nesse campo. A descoberta dos guias culturais *Pariscope* e *7ème Paris*, que reportavam a maior parte das atividades artísticas da semana, encantaram-me e estimularam-me a pensar, ousadamente, em um dia editar algo semelhante. A realização desse projeto aconteceria mais tarde, quando eu já fazia parte do quadro de professores do Curso de Comunicação Social, como veremos adiante.

Embora minha “carreira” cinematográfica tenha sido bissexta, vale registrar algumas produções que marcaram minha trajetória. Em 1981 lancei-me ao desafio de produzir um desenho animado com minha personagem *Maria*, que resultou em uma



Maria em movimento, intuição e perseverança



Cena do filme *Era vermelho seu batom*, que dirigi e em que atuei

animação de 60 segundos, consumindo-me um semestre de dedicação diária. Numa época em que nem se pensava nas facilidades dos recursos digitais, a animação foi feita com mais de 600 desenhos originais pintados sobre papel sulfite, que me testaram a paciência, a perseverança e a intuição, já que não tinha qualquer noção de técnicas de animação.

Como citado anteriormente, dirigi o curta-metragem semi-documental *Era vermelho seu batom* (1983), abordando o carnaval de travestidos na Baía da Traição, Paraíba. Com o grupo



Cena de *Era vermelho seu batom*

“Nós Também”, participei da direção do curta-metragem de ficção *Baltazar da Lomba* (1982), sobre a perseguição inquisitorial à homossexualidade na Paraíba no período colonial.

Essa fase de minha formação em nível de Graduação não estaria completa sem considerar outras atividades culturais das quais participei efetivamente. Em termos de exposição pessoal, apresentar-me em público sempre foi um problema, mas que logo se tornou uma motivação. O teatro foi o melhor recurso que encontrei para vencer essa limitação ao mesmo tempo em que me levou a um nível de desenvoltura que iria contribuir para minha carreira acadêmica, ainda que naquele momento essa não fosse minha pretensão.

Com o grupo Tenda, de teatro amador, dirigido pelo teatrólogo Geraldo Jorge, atuei em peças significativas e engajadas no momento político, como *Morte e vida severina*, adaptação do poema de João Cabral de Melo Neto. Com o diretor José Flávio, na época professor do Colégio Estadual Bairro dos Estados, participei da montagem *Chico rei*, de Walmir Ayala. Na escola

Piollin, sob o comando de Luiz Carlos Vasconcelos, fiz teatro infantil e de rua, com a peça *A viagem de um barquinho*. Já no Núcleo de Teatro Universitário – NTU – dirigido pelo professor e dramaturgo Fernando Teixeira, atuei na peça *Donzela Joana*, de Hermilo Borba Filho, encenada em 1976.



Cena da peça *Donzela Joana*, produzida pelo Núcleo de Teatro Universitário

Donzela Joana levou-me a uma experiência incomparável quanto à participação artística e política. Com texto dramático e ao mesmo tempo satírico, que tocava na problemática do poder, a peça foi escolhida para o Projeto Mambembão, promovido pelo Ministério da Cultura, levando-nos a encená-la no Rio de Janeiro e em São Paulo. A aprendizagem com o NTU foi além da própria encenação, fomentou minha visão crítica sobre a realidade e despertou meu interesse pela cultura popular, já que a peça fora encenada com o recurso de enormes bonecos em forma

de mamulengo (fantoche de mão). A peça gerou em mim outras motivações. Uma das edições da revista *Maria* foi inspirada e dedicada ao tema, discutindo o autoritarismo e a subversão.



Capa da revista *Maria* inspirada na peça *Donzela Joana* e uma das páginas abaixo



Uma vida acadêmica

Concluí o Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, em 1983, em tempo recorde por causa do aproveitamento de disciplinas comuns ao Curso de Arquitetura e Urbanismo, contudo o diploma foi emitido em janeiro de 1984. Como trabalho de conclusão de curso fiz uma monografia sobre a história da História em Quadrinhos da Paraíba. Até aquela data não havia qualquer registro teórico sobre os quadrinhos produzidos no estado e o trabalho resultou em uma pesquisa histórica que identificou a origem dessa expressão artística em 1963, em Campina Grande, com o personagem *Flama*, de Deodato Borges.

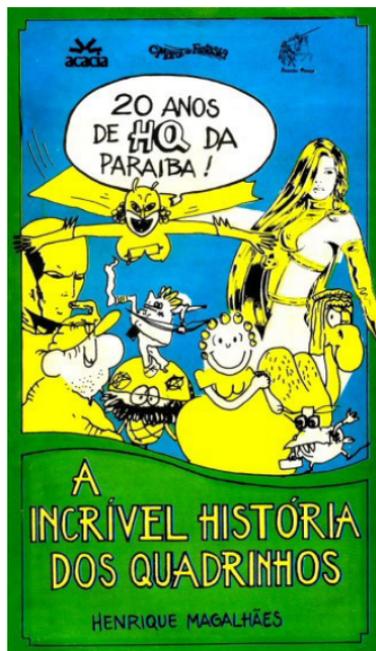
A pesquisa percorreu os 20 anos de produção de quadrinhos na Paraíba, até 1983, fez o recenseamento de autores e personagens e contextualizou sua produção. Resgatou trabalhos raros publicados na imprensa autoral e alternativa da década de 1970 e a expansão com o surgimento de inúmeros personagens facilitados pela criação dos suplementos dominicais nos jornais *O Norte* e *A União*. Esse trabalho foi publicado no livro *A incrível história dos quadrinhos: 20 anos de quadrinhos da Paraíba*, lançado em 1983 pela editora Acácia, em associação editorial com a Sancho Pança e Marca de Fantasia. Esse “pool” editorial surgia como uma associação informal entre o professor Alarico Correia Neto,

do Departamento de Artes e Comunicação, o colega Marcos Nicolau, que viria a ser também professor e eu mesmo, criando, cada um, um selo para a edição do livro, que a rigor se tratava de uma edição independente. Esse livro, por seu pioneirismo, tornou-se referência para outros estudos sobre os quadrinhos paraibanos e impulsionou-me a vislumbrar a realização de uma Pós-Graduação.

A conclusão do curso de Comunicação Social, em vez de entregar-me no mercado levou-me a buscar ainda mais capacitação. Encontrei na Universidade de São Paulo – USP a boa acolhida do Professor Doutor Antonio Luiz Cagnin, que havia desenvolvido tese na França sobre História em Quadrinhos. Minha proposta de Pós-Graduação voltava-se aos fanzines, essas pequenas publicações amadoras feitas por fãs de expressões artísticas e dirigidas a outros fãs.

Em meados da década de 1980 ocorria uma verdadeira explosão produtiva de fanzines no país proporcionada pela popularização das fotocopiadoras e redução do custo das cópias. Com a edição da revista *Maria*, facilmente inseri-

Primeiro estudo sobre os quadrinhos paraibanos



-me nesse “movimento” de publicações independentes mantendo contato com boa parte dos produtores em nível nacional. Minha percepção era de que um novo fenômeno comunicacional estava se desenvolvendo e que merecia uma abordagem investigativa com perspectiva acadêmica. Salvo raras matérias jornalísticas, não havia registro sobre os fanzines no país, sendo o termo – um neologismo da língua inglesa a partir da contração das palavras “fanatic” e “magazine” – praticamente desconhecido.

O professor Cagnin abraçou prontamente meu projeto e comecei a cursar a Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, em nível de Mestrado, no início de 1985. A proposta de estudo versava sobre a ocorrência dos fanzines no país, focando-se naqueles dirigidos às Histórias em Quadrinhos. Para o desenvolvimento do projeto foi fundamental a imersão no universo dos fanzines, com a produção de minha própria publicação.

Juntamente Sandra Albuquerque, do Departamento de Artes e Comunicação da UFPB, que também fazia Mestrado em São Paulo, lancei o fanzine *Marca de Fantasia*, de análise, divulgação e crítica dos quadrinhos nacionais. A edição desse fanzine, que durou 6 números entre 1985 e 1988, foi o melhor instrumento para ter acesso a outros produtores do país, para a prática do jornalismo especializado e experimentação gráfica, própria a esse tipo de publicação.

Por intermédio do fanzine *Marca de Fantasia* foi possível suprir em parte a carência absoluta de fontes bibliográficas sobre

o tema, investigando diretamente com os editores a produção desse gênero de publicação. Com essa experiência acadêmica e empírica, acompanhei o momento de maior efervescência dos fanzines de quadrinhos do país, em São Paulo, onde eles tinham maior ocorrência. Essa situação permitiu que publicasse no número 1 de *Marca de Fantasia* uma entrevista inédita com Angeli, bem como um desenho de capa exclusivo do autor, quando do lançamento de sua revista *Chiclete com Banana*, que, sem dúvida, foi um marco para as publicações independentes de quadrinhos no país.

Marca de Fantasia também contribuiu para o debate sobre o próprio meio produtivo independente, que sofria forte revés com as crises econômicas do final da década de 1980. A publicação fomentou um prolífico debate sobre as perspectivas desse meio

visando sua recuperação e possíveis estratégias que levassem a sua consolidação. Toda essa reflexão, que contou com a participação de outros editores e do público, teve consequências positivas, como alguns anos mais tarde a criação da editora *Marca de Fantasia*.

N. 1 do fanzine *Marca de Fantasia*, com desenho de capa original de Angeli



Antes de se tornar um fanzine de quadrinhos, *Marca de Fantasia* fora uma revista independente, de caráter jornalístico e literário, impressa em mimeógrafo, que editei enquanto cursava Comunicação Social na UFPB. Essa publicação também gerou uma edição de luxo produzida em Recife pelo professor Jomard Muniz de Brito em 1984, com a minha participação.

Após encerrar em 1988 o fanzine *Marca de Fantasia* voltado aos quadrinhos, voltei à produção em 1990, com a edição do *Nhô-Quim*, que durou oito edições. O primeiro número foi feito conjuntamente com José Carlos Ribeiro, de Carlos Barbosa, Rio Grande do Sul, que havia editado o fanzine *PolítiQua*. O *Nhô-Quim*, para o quadrinista e articulista Franco de Rosa, do jornal *Folha da Tarde*, de São Paulo, representou uma iniciativa de retomada da produção de fanzines no país, com ênfase numa concepção mais coletivista.

Com o *Nhô-Quim* tentava-se por em prática umas das propostas alentadas para a resistência à crise de produção dos fanzines, com a junção de várias publicações com o objetivo de divisão de custos e tarefas. Essa era a prática dos fanzines europeus, que se



Edição especial do fanzine
Marca de Fantasia

traduzia em projetos de longo fôlego e o mesmo poderia ser feito no país, criando nova estrutura para os fanzines. Apesar da boa repercussão do primeiro número do *Nhô-Quim*, a parceria não resistiria à distância - Paraíba-Rio Grande do Sul - bem como à precariedade dos meios de comunicação.

O Mestrado em Ciências da Comunicação na USP durou de 1985 até o final de 1990. Apesar de o período para a realização desse curso ser geralmente menor, alguns percalços levaram a seu prolongamento. Ao mesmo tempo em que ingressava no Mestrado, fui aprovado no concurso para Professor Auxiliar no Curso de Comunicação Social da UFPB, sendo contratado em março de 1986. Essa foi uma conquista muito importante para a consolidação de minha vida profissional acadêmica, mas nesse

momento representava para mim um desafio a mais, pois me encontrava ainda em formação.



Fanzine *Nhô-Quim*, em homenagem ao primeiro personagem de quadrinhos brasileiro

Ensino e extensão

A entrada na vida acadêmica como Professor Auxiliar I, sendo apenas graduado, foi, sem dúvida, um grande e estimulante desafio. Na época, o Curso de Comunicação Social pertencia ao Departamento de Artes e Comunicação, o DAC, sendo que Comunicação Social agrupava três habilitações: Jornalismo, Relações Públicas e Radialismo, acrescido posteriormente do Curso de Turismo. Artes correspondia ao Curso de Educação Artística, que abrangia também três habilitações: Educação Musical, Artes Cênicas e Artes Plásticas. O DAC, portanto, era um amplo universo de conhecimentos e aptidões, o que gerava um meio acadêmico de complexa administração. Pouco depois o DAC foi dividido em dois departamentos, o Departamento de Comunicação e Turismo - Decomtur - e o Departamento de Artes.

À época, havia poucos cursos de Pós-Graduação em Comunicação no país, o que justificava a exigência mínima da Graduação para o ingresso de docentes. Na prática, o ensino se tornava também uma aprendizagem de metodologia e didática para fazer frente à responsabilidade de formar os alunos com o embasamento necessário. Minha entrada no DAC, apesar de o concurso ter sido para Comunicação Social, especificamente para Jornalismo, também me levou a ministrar disciplinas em Educação Ar-

tística na área de Artes Plásticas, devido a minha habilidade com desenho e programação visual.

Apesar das dificuldades enfrentadas no campo pedagógico - era minha estreia como professor - tinha consciência do papel que deveria desempenhar, pois ao investir na Pós-Graduação tinha a pretensão de num futuro próximo chegar à academia como docente. O Mestrado na Escola de Comunicação e Artes da USP era uma demonstração desse projeto, que tive que adiar ou prorrogar algumas vezes para cumprir as novas obrigações acadêmicas na Universidade Federal da Paraíba.

Essa foi uma das razões para que o Mestrado se prolongasse por cinco anos. Alguns semestres tive que me dedicar integralmente à UFPB; quando podia, cursava algumas disciplinas na USP. Do mesmo modo compartilhei meu tempo entre ensinar e desenvolver minha pesquisa, além de escrever a dissertação. Contudo, as atividades na UFPB não se resumiam ao ensino, dediquei-me também à pesquisa e, sobretudo, à extensão.

Há alguns anos já desenvolvia projetos visuais com outdoor artesanal, alguns de caráter comercial, mas muitos como expressão artística. Essa experiência levou-me a criar o projeto de extensão Outdoor Comunitário, com a montagem de uma placa de 2x4m ao lado do Departamento de Comunicação, que serviu para a difusão de ações da própria comunidade universitária (do Departamento de Comunicação e Turismo, da AdufPB, do Centro Acadêmico de

Comunicação, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes), bem como de entidades artísticas e ONGs da cidade.

A criação e confecção de outdoor teve também caráter pedagógico. Além de incluir a produção de cartazes em minhas disciplinas laboratoriais, promovia oficinas abertas a todos os alunos do curso e a interessados das comunidades artísticas e organizações não governamentais. Essa prática trouxe resultados bastante eficazes, promovendo as ações de grupos culturais e outras entidades sociais, bem como atendendo aos interesses da Universidade.



Oficina de outdoor com alunos da habilitação de Radialismo

Outro projeto que teve alcance além do perímetro da Universidade foi a edição da revista cultural *Se Toque*, com crítica às produções artísticas e o recenseamento dos eventos promovidos



Capa da revista *Se Toque*:
ênfase na cultura popular

na cidade. A revista *Se Toque* inspirava-se nas agendas culturais publicadas na França, como a citada *Pariscope*. Poucos anos depois de minha descoberta desse tipo de publicação em Paris, tentava adaptar seu perfil jornalístico para a realidade local. Era um projeto idealista e ousado para a cidade, que contava com meu entusiasmo e ao mesmo tempo envolvia alunos e professores na produção da publicação.

A revista *Se Toque* durou alguns anos de forma intermitente, ora com periodicidade semanal, ora quinzenal. Era totalmente independente, sobrevivia com recursos próprios arrecadados por meio de pequenos anúncios do comércio local. Foram experimentadas várias formas de produção, desde a simulação do sistema das publicações do mercado até a cooperativada, com divisão de tarefas e benefícios para todos os integrantes do grupo, que reunia professores e alunos de vários Cursos. A revista foi fonte para

Livro digital sobre a
experiência editorial da
revista *Se Toque*



a monografia da professora Sandra Albuquerque, do Decomtur, realizada no “Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo”, em 1988 em Fortaleza, que resultou no livro *Se Toque: uma revista alternativa*, em parceria com este autor.

Mais um projeto de extensão que expandiu as fronteiras da Universidade foi a criação da Gibiteca Henfil em 1990. Sendo uma das pioneiras no país, antecedida apenas pela Gibiteca de Curitiba, a Gibiteca Henfil foi instalada por 10 anos no Espaço Cultural José Lins do Rego, a partir de meu próprio acervo. O impacto entre os aficionados por quadrinhos na cidade foi imediato, com a ampliação do acervo por meio de doações feitas por colecionadores e frequentadores. A Gibiteca Henfil tornou-se ponto de encontro e de leitura, proporcionou o debate e o desen-



Gibiteca Henfil no Espaço Cultural José Lins do Rego

volvimento de inúmeros jovens quadrinistas, que encontravam em seu refúgio uma diversidade rara de publicações nacionais e internacionais, além dos intrigantes fanzines.

Em 2000 a Gibiteca Henfil transferiu-se para o Departamento de Comunicação e Turismo da UFPB e em seguida para o Mestrado em Comunicação, com o fim de conservação e catalogação do acervo para servir principalmente à pesquisa. Mas a Gibiteca Henfil não teve na Universidade a atenção necessária para sua implementação e desenvolvimento de seu potencial didático. Após percorrer diversos locais inadequados a sua instalação, que levaram à perda de parte importante de seu acervo, a Gibiteca Henfil volta ao Espaço Cultural em agosto de 2015 por meio de comodato, estabelecendo nova parceria.

Em dezembro de 1990, finalmente defendi minha dissertação de Mestrado na ECA/USP, a pesquisa pioneira sobre fanzines denominada “Os fanzines brasileiros de histórias em quadrinhos: o espaço crítico dos quadrinhos brasileiros”. Na banca, além de meu orientador, o Professor Doutor Antonio Luiz Cagnin, contamos com a presença dos renomados professores Álvaro de Moya e Waldomiro Vergueiro como avaliadores.

Essa dissertação seria a base para minhas pesquisas seguintes, acompanhando a evolução desse tipo de publicação. Também serviu de fundamento para muitos outros pesquisadores que se debruçaram sobre o universo dos fanzines, sobretudo depois da publicação pela editora Brasiliense de parte do texto da disser-

tação na Coleção Primeiros Passos, com o título *O que é fanzine*. Esta foi a primeira obra no país a abordar os fanzines, propondo a definição para o termo e traçando a história de nossos fanzines.



O que é fanzine, lançado pela editora Brasiliense em 1993

Uma das sequências de minha pesquisa se deu também no campo acadêmico. No final de 1991 teria início meu Doutorado de Sociologia na Université Paris 7, na França. Com o propósito de estudar as diferenças e similitudes entre o modo de produção dos fanzines franceses, portugueses e brasileiros, a França foi escolhida por ser um dos maiores centros mundiais tanto na criação de histórias em quadrinhos quanto de fanzines, com uma produção em tudo diferenciada da brasileira. Portugal entrou na pesquisa pela língua

comum, mas também pela proximidade relativa à produção de fanzines e ao mercado editorial.

Além da extraordinária oportunidade de vivenciar outra cultura, proporcionada pelo Doutorado na França, a constatação da diversidade dos fanzines e dos quadrinhos nesse país confirmaram o acerto de minha escolha. Os fanzines se diversificavam em número e gênero, indo dos “graphizines” aos de “bande dessinée” (histó-

ria em quadrinhos), dentre outros temas, muitos com qualidade de produção profissional. A importância desse tipo de publicação para a reflexão sobre os quadrinhos era reconhecida pelo Ministério da Cultura francês, que criara uma rubrica de estímulo a sua produção, financiando parte dos custos dos melhores fanzines.

Os portugueses se assemelhavam aos fanzines brasileiros em seu caráter artesanal e como celeiro para a divulgação de jovens autores. Portugal, assim como o Brasil, consumia mais histórias em quadrinhos importadas dos grandes estúdios estadunidenses, mas também da França e da Espanha. O espaço no mercado para o autor local era restrito, dificultando a consolidação de uma produção nacional. Assim como em nosso país, os fanzines portugueses eram a resposta possível ao descaso do mercado, servindo também para a reflexão sobre o meio.

Como ocorrera no Mestrado, deparei-me, mesmo na França, com a falta de bibliografia específica sobre fanzines, havia apenas uma tese na área de Comunicação que tratava do conceito sobre esse gênero de publicação. Mais uma vez tive que recorrer à observação sobre o próprio meio e ao depoimento de seus autores. Para essa pesquisa contribuiu Philippe Morin, um dos editores do mais renomado fanzine francês de quadrinhos, o *PLG*, de Montrouge, cidade da área metropolitana de Paris, bem como os portugueses Rui Brito, do fanzine *Banda*, de Lisboa e Victor Borges, do *Dossier Top Secret*, de Almada, além de Fernando Vieira, do *Clubedelho*, de Portimão.

O Doutorado teve também seus percalços, sendo a falta de bibliografia na área apenas um deles. Por outro lado, esse desafio mostrou-me a oportunidade de explorar o ineditismo do tema, sobretudo em se tratando de estudo comparativo em nível de produção cultural. Mesmo tendo concluído a tese em 1994, antes do prazo previsto, a defesa só ocorreu em 1996, motivada pela aposentadoria do orientador, Professor Doutor Jean Duvignaud e sua substituição pelo Professor Doutor Cristian Bertaux.

Mais que o resultado da pesquisa, o Doutorado na França me mostrou a potencialidade do meio independente nesse país, que via nascer pequenas editoras associativas de autores de quadrinhos. Nesse período surgiu o mais renomado desses grupos, l'Association, que investe ainda hoje na produção de revistas e álbuns experimentais e promove a nova História em Quadrinhos francesa e de autores de todo o mundo. O percurso inovador de l'Association por certo iria inspirar o projeto editorial Marca de Fantasia, que implementei logo que cheguei da França.

A **Marca de Fantasia** é uma editora independente dedicada a História em Quadrinhos, mas também às Artes, Comunicação, Linguística e Cultura Pop (expressões da Indústria Cultural, como séries televisivas, ficção científica, rádio, música popular etc.). Foi criada em 1995 e é o resultado do acúmulo de minha experiência com a edição de revistas e fanzines, além de meus estudos acadêmicos.

Desde sua fundação a **Marca de Fantasia** constituiu-se como uma atividade do Grupo Artesanal – entidade sem fins lucrativos

Editor: Henrique Magalhães
Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB, Brasil
58045-180
Tel: (83) 958.499.672

Pedidos por transferência ou depósito
bancário:
Banco do Brasil
Agência 1619-5
Conta 41625-6.

Envie por e-mail cópia do comprovante de
depósito e o endereço para entrega.

Contato
marcadefantasia@gmail.com
www.marcadefantasia.com

Outubro de 2016

Revistas eletrônicas



Imaginário!
Revista do Grupo de
Pesquisa em História em
Quadrinhos da UFPB



QI - Quadrinhos
Independentes



When a man loves a woman

Esta revista é uma pequena parte dos quatro anos de produção da webcomic de Cátia Ana "O Diário de Virginia". Muito do que produz na internet, neste projeto, são experimentações narrativas voltadas especificamente para o meio digital.

When a man loves a woman, uma bela exceção, foi uma história que ela escreveu pensando estritamente no meio impresso. Assim como em boa parte do conteúdo do Diário, o que está nestas páginas são suas tentativas de entender determinadas questões pessoais.

<segue>



imaginário!

Imaginário 11

Chamada de artigos

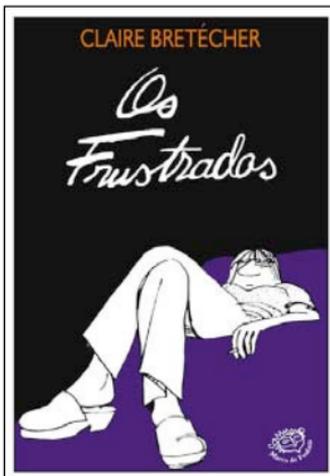
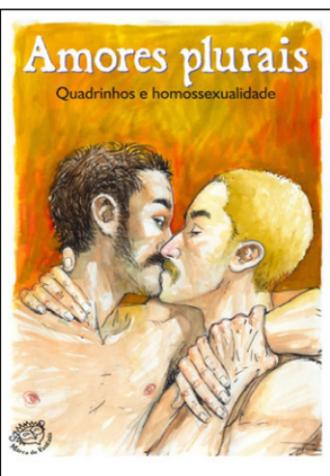
Página de abertura do sítio da editora Marca de Fantasia

sediada em João Pessoa –, e como projeto de extensão do Departamento de Comunicação e Turismo da UFPB. Em 2008 a editora migrou para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação dessa Universidade, onde vem contribuindo com sua produção editorial.

Em outubro de 2013, visando mais autonomia, criou-se a Associação Marca de Fantasia constituindo-se em entidade jurídica sem fins lucrativos, da qual sou presidente e cuja diretoria é composta por pesquisadores do Grupo de Pesquisa em História em Quadrinhos do Mestrado em Comunicação da UFPB. A editora Marca de Fantasia é uma das atividades da associação, que visa também a promoção de seminários, exposições, produções audiovisuais e outros eventos afins.

A editora Marca de Fantasia visa prestigiar os novos autores brasileiros favorecendo os trabalhos experimentais, críticos e reflexivos, além de estabelecer o intercâmbio com a produção independente de outros países. A editora busca contemplar a publicação de álbuns, livros e revistas, num trabalho conjunto com os autores, que participam de forma colaborativa de seu projeto editorial. Por sua vez, esses três eixos de atuação dividem-se em várias séries, que abrangem uma vasta gama temática e cultural.

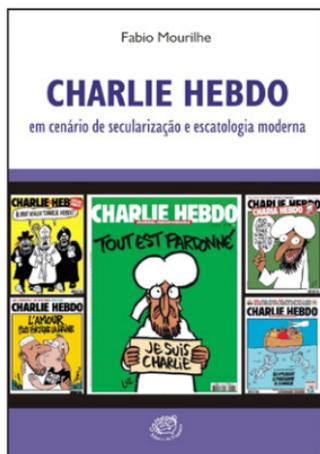
Os álbuns caracterizam-se pelas obras densas, geralmente com lombada quadrada e capa cartonada, diferenciando-se do fascículo ou da revista. Apresentam histórias completas ou coleção de tiras; podem trazer HQ (História em Quadrinhos) de vários gêneros: ficção científica, poético, humorístico, aventura etc.



Álbuns de História em Quadrinhos lançados na série *Repertório*

Além dos títulos avulsos já lançados (*Fora de série*), foi criada a série *Biografix*, coordenada conjuntamente com o quadrinista Wellington Srbek, para abrigar o resgate do trabalho dos mestres dos quadrinhos brasileiros. Outra série, *Repertório*, apresenta os trabalhos de autores contemporâneos. Visando fazer o registro e dar visibilidade às tiras produzidas em todo o país, mas que têm circulação restrita, foi criada a série *Das tiras coração*, em parceria com Edgard Guimarães. Com o editor Sérgio Chaves, de São Paulo, firmamos a parceria para a série *Café Espacial apresenta*.

O projeto editorial também contempla a edição de livros com ensaios e monografias. Além dos títulos avulsos (*Fora de série*), esta linha editorial viria se consolidar com a série *Quiosque*, de livros de bolso sobre quadrinhos e fanzine, alcançando grande



Livros de quadrinhos,
humor e linguística

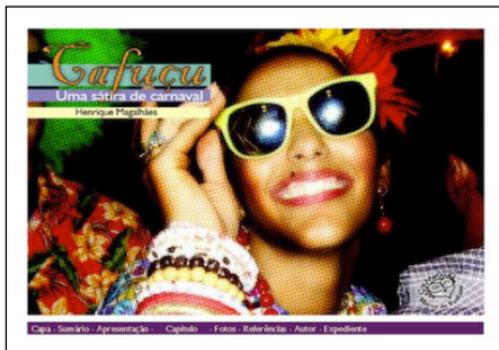


interesse do público acadêmico. Tem-se também a série *Vere-das*, de ensaios sobre Comunicação, Artes e Linguística. Para atender à produção acadêmica da Graduação e Pós-Graduação em Comunicação e outras áreas das Ciências Humanas, criou-se a série *Periscópio*.

Em 2009 a editora passou a publicar versões eletrônicas de seus livros – os chamados *ebooks* – disponibilizando-os em seu sítio na internet gratuitamente ou com preços simbólicos. O objetivo é a experimentação de novas linguagens editoriais, bem como maior difusão das obras. Alguns *ebooks* são versões digitais das edições impressas, mas muitos livros já são produzidos exclusivamente nesse formato, o que oferece novas possibilidades de leitura e permite a exploração de outros campos de estudo.

Na seara das revistas, a *Tyli-Tyli*, depois chamada *Mandala*, marcou a cena

das publicações independentes no país como a única revista voltada integralmente aos quadrinhos poético-filosóficos. Em meados da década de 1990 havia no país uma forte produção de quadrinhos autorais com predominância da linguagem poética e conteúdo filosófico, intimista ou metafísico, seja na expressão



História do bloco carnavalesco *Cafuçu*, original em suporte digital



Mandala reunia
quadrinhos poético-
filosóficos

a *Maria Magazine*, voltada às tiras humorísticas; a revista *Quiosque*, trazendo um olhar crítico sobre as mídias; e a série *Corisco*, com histórias em quadrinhos curtas ligadas a um tema ou autor.

textual, seja na representação visual. Flávio Calazans, que emprestou o nome de sua personagem para o título da revista, é um dos artífices dessa linguagem, ao lado de Edgar Franco e Gazy Andraus. O impacto da publicação gerou estudos acadêmicos e fomentou o surgimento de outros autores. A revista chegou ao número 13, com o saldo de dezenas de autores publicados e várias expressões gráficas autorais.

O desenvolvimento do projeto da editora levou à criação de outras revistas, como



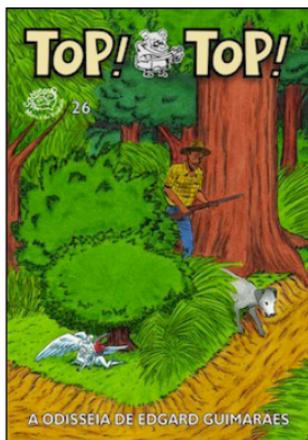
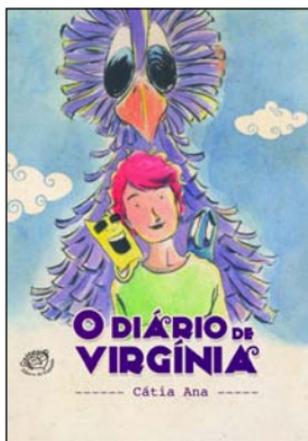
Maria Magazine
e *Artlecos e*
Pós-humanos:
quadrinhos autorais



A partir de 2009 a editora incorporou o título *Artlectos e Pós-humanos*, de Edgar Franco, outrora publicado pela SM Editora, de José Salles. Esta revista deixa campo livre para as experimentações do universo particular da obra de Edgar.

Na categoria *Revistas* incluímos o fanzine *Top! Top!*, que presta homenagem a Henfil ao utilizar como título a célebre onomatopeia popularizada pela personagem *Fradim*. De caráter jornalístico, o fanzine apresenta resenhas, textos analíticos, cartas dos leitores e entrevistas com novos autores e quadrinhos, além do resgate da obra dos veteranos; o intercâmbio com produtores e publicações de outros países possibilita o conhecimento de novas expressões dos quadrinhos, a exemplo da obra de artistas portugueses, cubanos e argentinos, já publicados no fanzine.

Com o Mestrado em Comunicação da UFPB, a editora produz a revista acadêmica *Culturas Midiáticas*, órgão oficial da entidade. Em outubro de 2011 passou a editar a revista *Imaginário!*, produzida pelo Grupo de Pesquisa em História em Quadrinhos, desse Programa de Pós-Gra-



O diário de Virgínia, na série Corisco, e o fanzine *Top! Top!*



Imaginário!, revista do Grupo de Pesquisa em História em Quadrinhos

duação. Ainda em 2011 a Marca de Fantasia estabeleceu uma parceria com o Labeledisco - Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo -, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, com quem lança a revista eletrônica *O Corpo é Discurso*. A revista é produzida pelo coordenador do Labeledisco em Vitória da Conquista, BA, professor Nilton Milanez, e tem versão online disponível no site da editora.

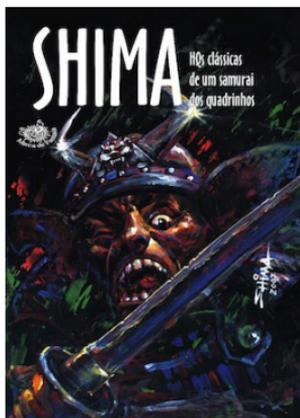
Em 2016 A Marca de Fantasia iniciou parceria editorial com o Grupo de Pesquisa em Cultura Pop, Comunicação e Tecnologias (Cultpop), ligado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Rio Grande do Sul. O objetivo é publicar, pela editora, pesquisas promovidas pelos integrantes do grupo, sejam elas trabalhos de conclusão de curso, dissertações ou teses de doutoramento. A professora doutora Adriana Amaral, coordenadora do grupo, passa a integrar o conselho editorial.

Com essa parceria, a Marca de Fantasia espera ampliar ainda mais sua presença no ambiente acadêmico voltado para a pesquisa em comunicação que dialoga com as diferentes manifestações da cultura pop, sejam elas os quadrinhos, os fanzines, a música, as culturas alternativas.

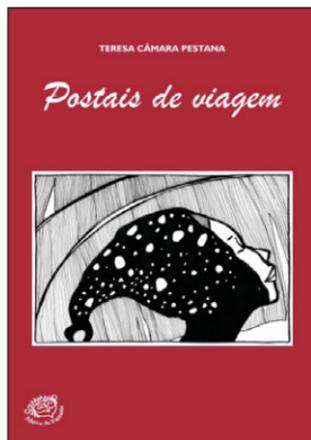
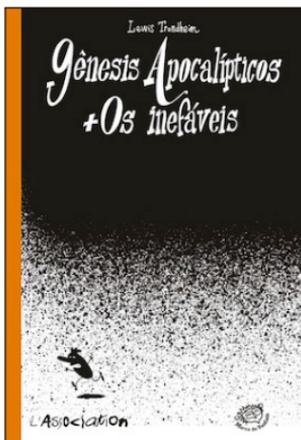
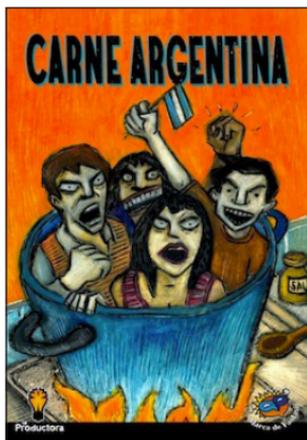
Com 21 anos de criação, a editora Marca de Fantasia já lançou mais de 300 edições e conta com um amplo catálogo com publicações de jovens quadrinistas, de autores veteranos brasileiros e mesmo de quadrinistas internacionais, com a colaboração de autores portugueses, dos franceses de l'Association e argentinos de La Productora. Para muitos críticos e pesquisadores, a Marca de Fantasia detém o maior acervo de estudos sobre quadrinhos e fanzines do país, tornando-se referência para pesquisadores na área. O projeto editorial bem como o catálogo podem ser acessados na internet, no endereço www.marcadefantasia.com.

A editora se orgulha de contar com a participação de jovens criativos entusiastas e grandes nomes reconhecidos pelo mercado, a exemplo de Julio Shimamoto (*Shima: HQs clássicas de um samurai dos quadrinhos*), Nilson (*A Caravela*), Edson Rontani (*Você Sabia?*), Luiz Saldenberg (*No rastro de Masamune*), Elmano Silva (*Silas Verdugo: o homem do patuá*), Edgard Guimarães (*Mundo Feliz*), Worney Almeida de Souza (*Messias de Mello e o Espiritismo*), Edgar Franco (*Elegia*), Shiko (*Marginal*), entre outros.

Os autores internacionais também são destaque na produção, com estreia



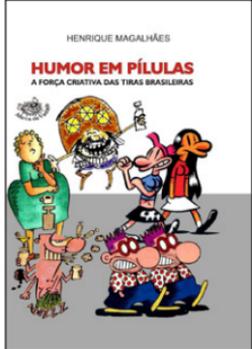
Coletânea do mestre dos quadrinhos brasileiros Shimamoto



A Marca de Fantasia traz ao país obras inéditas de argentinos, franceses e portugueses

no país por meio da Marca de Fantasia: os franceses Thierry Groensteen (*História em Quadrinhos: essa desconhecida arte popular*), Claire Bretécher (*Os Frustrados*), Killoffer (*Quando tem que ser*), Lewis Trondheim (*Gênesis Apocalípticos + Os inefáveis*), Etienne Lécroart (*Contos & descontos*); a portuguesa Teresa Câmara Pestana (*Postais de viagem*); e os argentinos de La Productora, representados por Cristian Mallea (*Carne argentina*). As versões do francês e do espanhol para o português foram realizadas por mim, bem como a adaptação do português de Portugal para o Brasil.

Algumas de minhas pesquisas geraram livros publicados pela Marca de Fantasia. Finalmente em 2003 sairia *O rebuliço apaixonante dos fanzines*, com o texto completo da dissertação de Mes-

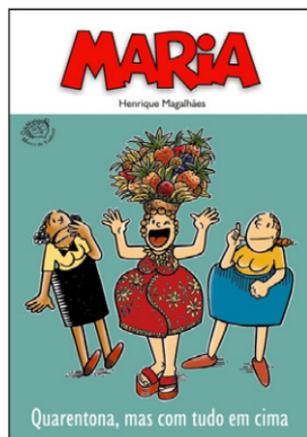
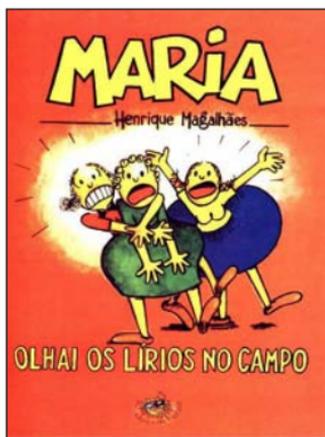


Fanzines e quadrinhos humorísticos são prioridades em minhas pesquisas

trado. Na sequência saiu em 2004 *A nova onda dos fanzines*; em 2005 seria a vez de *A mutação radical dos fanzines*; em 2006 lançou-se *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras*.

A produção de tiras com a personagem *Maria* também foi retomada, ao lado de outros personagens na série denominada “Rendez-vous”. As tiras foram publicadas no jornal diário *A União* entre junho de 2012 e janeiro de 2014. Essa produção tem sido republicada na revista *Maria Magazine*, editada pela Marca de Fantasia, e compõe o álbum *Maria: quarentona, mas com tudo em cima*, de 40 anos da personagem, editado em 2015. Antes, *Maria* teve o lançamento de mais dois álbuns, sendo *Maria: olhai os lírios no campo* em 1998 e *Maria: espirituosa há 30 anos* em 2005.

A personagem *Maria* também foi objeto da pesquisa de Pós-Doutorado da professora Regina Behar, do Departamento de História da UFPB, em realização no Programa de Pós-Graduação



Maria tem se renovado com a edição em álbuns

em Comunicação da Universidade de São Paulo. Regina Behar, juntamente com o professor Matheus Andrade, do Departamento de Comunicação e Turismo da UFPB, realizaram em 2014 o vídeo documentário *Eu sou Maria*, que desvenda minha relação criativa com a personagem. O vídeo foi lançado no Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro, realizado em dezembro em João Pessoa.

Cumprindo seu caráter acadêmico, a editora Marca de Fantasia conta com um conceituado grupo de apoio, composto por Doutores e especialistas de Universidades de todo o país. For-

Cena do vídeo-documentário *Eu sou Maria*, de Matheus Andrade e Regina Behar



mam o Conselho Editorial Adriana Amaral, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos, Rio Grande do Sul; Adriano de León, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB; Alberto Pessoa, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB; Edgar Franco, do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual, da UFG, Goiás; Edgard Guimarães, do Instituto Tecnológico de Aeronáutica, ITA, de São Paulo; Gazy Andraus, do Programa de Pós-Graduação Docência Ensino Superior, da UNIMESP, São Paulo.

O Conselho conta ainda com JJ. Domingos, do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, UEPB; Marcelo Bolshaw, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da UFRN, Rio Grande do Norte; Marcos Nicolau, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB; Nílton Milanez, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB, Bahia; Roberto Elísio dos Santos, Programa de Mestrado em Comunicação, da USCS, São Paulo; Paulo Ramos, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da UNIFESP, São Paulo; Waldomiro Vergueiro, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da USP, São Paulo; e Wellington Pereira, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Todos os professores ligados a História em Quadrinhos, Comunicação e Linguística dão o lastro necessário para o prestígio da editora no meio acadêmico nacional.

O trabalho à frente da editora Marca de Fantasia teve seu reconhecimento por meio de premiações ao projeto editorial e a várias publicações. A Associação paulista HQ-Mix, que promove a maior premiação de quadrinhos no país, entregou em 2003 o Prêmio HQ-Mix para o fanzine *Top! Top!*, como melhor revista independente. Também em 2003, o Estúdio Divisão Brasileira de Artes, o DB-Artes, de Aracaju, atribuiu o prêmio de melhor álbum para *O rebulição apaixonante dos fanzines*. Em 2004, a Marca de Fantasia recebeu o 2º Prêmio DB-Artes Independentes, pelo conjunto do trabalho editorial. Em 2007, a Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo - AQC-ESP atribuiu o prêmio de melhor edição de 2006 ao álbum *Katita: tiras sem preconceito*, de Anita Costa Prado e Ronaldo Mendes.

O Troféu Bigorna, concedido pelo site especializado em quadrinhos Bigorna, foi atribuído a duas publicações da editora, em



Macambira e sua gente e Katita, tiras sem preconceito, melhor livro de humor

2008 ao melhor álbum/livro de humor para *Macambira e sua gente*, de minha autoria e em 2009 ao melhor livro de aventuras para *Artlectos e Pós-Humanos*, de Edgar Franco. A Marca de Fantasia ganhou o Troféu Bigorna de melhor editora independente em 2010.

Ao comemorar o Dia do Quadrinho Nacional com o prêmio Angelo Agostini, a Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo - AQC-ESP atribuiu-me em 2010 o título de Mestre do Quadrinho Nacional, comenda oferecida aos veteranos dessa arte. Em João Pessoa, o Grupo Made in PB entregou-me o Prêmio Made in PB de Cultura Pop em 2011, referente à produção acadêmica pelo livro *O rebuliço apaixonante dos fanzines*. O mesmo grupo prestou-me homenagem pelo conjunto da obra em 2014, no evento HQPB: Quadrinhos e Cultura Pop na Paraíba, ocorrido na Fundação Espaço Cultural.

A projeção da Marca de Fantasia ganhou atenção também do Professor Doutor Elydio dos Santos Neto, coordenador do Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo. Elydio realizou em 2010, no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP, seu Pós-Doutorado sobre as Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas intitulado “As Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas no Brasil: Contextualização histórica e estudo das interfaces educação, arte e comunicação”, em que a editora foi uma das fontes e objeto da pesquisa por seu trabalho de promoção desse gênero de quadrinhos.

Mestrado e novo Departamento

Em 2008 participei do grupo de professores do Departamento de Comunicação e Turismo que criou o Programa de Pós-Graduação em Comunicação em nível de Mestrado. Esse foi um passo importante para a ampliação do campo de atuação acadêmica, para o aprofundamento da pesquisa e para a formação de novos pesquisadores, atendendo a uma demanda premente no estado. No Mestrado, passei a ministrar anualmente a disciplina “Socialidade nas mídias”, abordando a cultura alternativa, os fanzines e os quadrinhos, e a orientar projetos de mestrandos voltados para a área.

Desde o início do Mestrado, coordeno o Grupo de Pesquisa em História em Quadrinhos - GPHQ, reunindo alunos, professores e interessados em discutir e produzir artigos sobre a arte. O GPHQ vem promovendo anualmente o seminário “Quadrinhos: reflexão e paixão”, mobilizando não somente os alunos do Mestrado, mas alguns os amantes dessa arte. Entre 2010 e 2012, firmamos acordo com a Aliança Francesa de João Pessoa e o Consulado Francês no Rio de Janeiro, bem como o grupo francês l’Association, que viabilizaram a vinda de três quadrinistas desse país para palestras e lançamento de álbuns de quadrinhos produzidos pela Marca de Fantasia.



O quadrinista francês Killoffer em sessão de autógrafo. Foto: Mikael

Uma das ocorrências do seminário contou com a participação do quadrinista argentino Cristian Mallea, num esforço de intercâmbio e integração entre os países vizinhos. Em 2014 o seminário versou sobre o tema “Quadrinhos e formação do leitor”, em associação com o Grupo de Estudos Interdisciplinares Educação e Saúde”, do Centro de Educação da UFPB.

O seminário tem sido o estandarte do GPHQ, mas realçamos também a participação de membros do grupo em eventos nacionais e internacionais, com artigos, palestras e lançamento de publicações. Uma das participações mais significativas foi o convite que recebi para participar das 2^{as} Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, em 2013, na Universidade de São Paulo. Na ocasião apresentei a conferência “Desafios para a publicação de pesquisas sobre quadrinhos no Brasil”, no evento acadêmico do gênero mais importante no país.

Outro evento a que fui convidado para representar o GPHQ foi o “2º Encontro Nacional de Estudos sobre Quadrinhos e Cultura Pop”, em 2012 em Recife, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE (PPGS), Núcleo Sociedade, Cultura e Comunicação da UFPE, e Núcleo de Pesquisa do Instituto de Ciências Sociais da UFAL, em que coordenei a mesa redonda “A academia e os estudos sobre Quadrinhos e fanzines”; também participei do III Ugra Zine Fest, em 2013 em São Paulo, com a mesa redonda “Fanzines, sexualidade e questões de gênero”.

Para o Ugra Zine Fest, realizado em São Paulo em 2014, fiz parte da mesa redonda “Fanzine ou obra de arte? Uma tentativa de definir o indefinível”, e apresentei a conferência “A trajetória da editora Marca de Fantasia”, detalhando nosso projeto edito-



Apresentação da trajetória da Marca de Fantasia no Ugra, em São Paulo

rial. Já em Belo Horizonte, onde ocorreu o 8º Festival Internacional de Quadrinhos – FIQ, em 2013, participei como convidado da “Rodada de negócios”, promovido pelo Sebrae, como representante da editora Marca de Fantasia.

Outras exposições e concursos dos quais participei com minha obra artística, que não há como desvincular de minha produção acadêmica, foram as seleções oficiais ao prêmio de publicação alternativa com o fanzine *Top! Top!* e a revista *Maria Magazine* em várias ocorrências do Festival International de Bande Dessinée d’Angoulême, o maior do gênero na França e um dos melhores do mundo. Também na França, fiz parte de “Une exposition de Bandes Dessinées: dessinateurs latino-américains”, em 2012 em Lyon, promovida pela Maison de l’Amérique Latine en Rhône-Alpes .

Em 2015 participei como convidado do Festival Internacional de Banda Desenhada de Amadora, na região metropolitana de Lisboa. Na ocasião lançou-se o álbum *Seu nome próprio... Maria. Seu apelido, Lisboa*, pela editora portuguesa Polvo. Esta foi a primeira edição internacional com a personagem, que em 2016 voltou a ter destaque no país irmão, com exposição, seção de

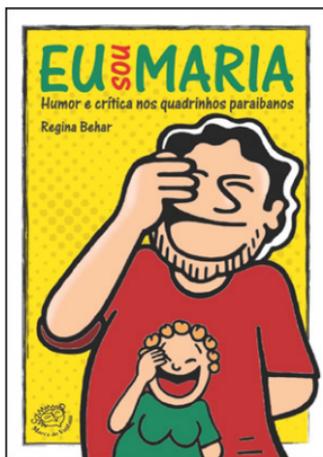


Álbum de *Maria* lançado em Portugal pela editora Polvo

autógrafos e palestra do autor no Festival Internacional de BD de Beja, na região do Alentejo, Portugal.

Em homenagens aos 40 anos de *Maria*, ocorridos em 2015, lançou-se pela Marca de Fantasia o álbum *Maria: quarentona, mas com tudo em cima*, fazendo uma retrospectiva de várias fases de sua criação. No início de 2016, no Mestrado em Comunicação da UFPB tivemos a aula inaugural da disciplina Socialidade nas Mídias com a participação das professoras Regina Behar e Nadja Carvalho, que expuseram o resultado de suas pesquisas sobre a personagem.

Nadja Carvalho, professora do Departamento de Mídias Digitais e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, apresentou o ensaio “Maria strip... arrepiando na saia”, também convertido em livro pela Marca de Fantasia, em que tra-



As pesquisas sobre *Maria* viraram livros pela Marca de Fantasia

ta das motivações que provavelmente estariam por trás da criação da personagem, levantando a intrigante questão: “o que há por baixo da saia de Maria?”, já que Maria é marcada por uma inflada saia-balão. Nadja fez uma deliciosa viagem pelo universo dos quadrinhos traçando correlações com outras personagens femininas, por vezes erotizadas, quase sempre sensuais, numa referência a propositura de Maria de usar o sexo como arma política e o amor como a maior das subversões.

Por outro lado, o trabalho apresentado por Regina Behar, do Departamento de História da UFPB, intitulado “Eu sou Maria: humor e crítica nos quadrinhos paraibanos”, resulta de seu Pós-Doutorado realizado em 2015 na Universidade de São Paulo, com o acompanhamento do Professor Dr. Waldomiro Vergueiro. Regina fez uma análise aprofundada do viés transgressor de Maria, ressaltando seu contexto político e histórico. O relatório transformou-se em livro homônimo pela Marca de Fantasia, bem como em vídeo documentário realizado em parceria com Matheus Andrade, professor do Departamento de Cinema da UFPB.

Fechando as comemorações aos 40 anos de *Maria*, em co-produção do Grupo de Pesquisa em História em Quadrinhos e a Gibiteca Henfil, realizou-se a *Tertúlia HQ: companheira Maria*, com a presença de três pesquisadoras da UFPB: Regina Behar, Nadja Carvalho e Margarete Almeida, esta professora do Departamento de Comunicação. Elas falaram num tom informal e emotivo como conheceram a personagem e como se deixaram



Tertúlia HQ, na Gibiteca Henfil, compartilhamento do carinho por *Maria*

apaixonar pelas sacadas irônicas de *Maria*, *Pombinha* e *Zefinha*, trio que faz a reflexão crítica de nossa realidade cotidiana.

Devido ao longo percurso criativo, *Maria* esteve presente na formação das professoras, bem como de toda uma geração de paraibanos que cresceu vendo suas tiras nos jornais, dialogando com ela suas agruras e prazeres. É essa experiência de vida mediada por *Maria* que foi exposta, numa mesa-redonda compartilhada com o autor e os interessados na personagem. O evento ocorreu na Gibiteca Henfil, Espaço Cultural, em 16 de abril de 2016 e teve o lançamento dos livros *Eu sou Maria: humor e crítica nos quadrinhos paraibanos*, de Regina Behar e *Maria strip... arrepiando na saia*, de Nadja Carvalho.

Todos esses trabalhos, que são apenas parte da produção, são planejados e discutidos no Grupo de Pesquisa em História em

Quadrinhos, que também edita sua própria revista acadêmica, a *Imaginário!*, voltada à publicação de artigos, ensaios, entrevistas e resenhas sobre quadrinhos, cartuns, cultura pop, artes visuais e temas afins. Além de editor da revista *Imaginário!*, também participo do Conselho Editorial da revista oficial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, a *Culturas Midiáticas*.



O Grupo de Pesquisa em História em Quadrinhos reúne pesquisadores e amantes dessa arte

Em paralelo às atividades da editora Marca de Fantasia e dos seminários “Quadrinhos: reflexão e paixão”, o GPHQ conta com o Projeto Calango, projeto de extensão que visa a formação de jovens quadrinistas. Esse projeto coordenado por mim e executado pela Arte-educadora Paloma Diniz, oferece oportunidade a estudantes universitários e do Ensino Médio de conhecer o processo criativo e produtivo dos quadrinhos, sendo um complemento às pesquisas acadêmicas do grupo.

Outro projeto voltado especificamente aos quadrinhos paraibanos integra o conjunto de atividades do GPHQ. Trata-se do Memorial da História em Quadrinhos da Paraíba, que visa a pesquisa em fluxo contínuo sobre a história dos quadrinhos paraibanos e suas ocorrências na atualidade. O projeto se desenvolve no sítio na internet criado para sua difusão, que pode ser acessado em www.memorialhqpb.org.



Vinheta do site dedicado à memória dos quadrinhos paraibanos

Por meio do GPHQ elaboramos um projeto de Mestrado em História em Quadrinhos reunindo professores de Comunicação, Letras e Habilitações Pedagógicas da UFPB, bem como professores de Comunicação da UFRN e da UFPE. O projeto, inédito no país, foi aprovado em 2013 pelos órgãos deliberativos da UFPB, mas encontrou objeção da Capes, que considerou falta de foco nas pesquisas dos professores com a área proposta. Talvez por desconhecimento da propriedade interdisciplinar dos quadrinhos, talvez por não considerá-los, ainda, um objeto sério de estudo, o projeto foi indeferido sem qualquer espaço para negociação.

Finalmente, com relação ao Mestrado, além de ser um dos coordenadores desde 2008 do Núcleo de Artes Midiáticas - Namid, assumi por dois anos, entre abril de 2012 e abril de 2014, a

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação com todas as suas atividades pedagógicas e burocráticas. As reuniões da Compós em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, assim como o Seminário promovido pela Capes dos quais participei foram importantes para o conhecimento aprofundado da política de Pós-Graduação do Governo. Os afazeres internos, como as seleções ao Mestrado, a burocracia institucional, a resolução dos problemas corriqueiros e cotidianos, bem como o prazer de fomentar o estreitamento dos laços colaborativos entre professores, estudantes e funcionários deram-me uma noção mais ampla da administração da Universidade e de como podemos contribuir para seu aperfeiçoamento.

Essa experiência na Coordenação do Mestrado complementa outras que tive na Graduação, como Chefe *pro tempore* do Departamento de Comunicação e Turismo no final da década de 1980 e Vice-Coordenador do Curso de Mídias Digitais, de outubro de 2009 a outubro de 2011 e Vice-Chefe do Departamento de Comunicação e Turismo por dois períodos, de abril 2004 a março de 2008. Apesar das tensões próprias a uma função como essa, a passagem chefia do Departamento também será uma lembrança dos desafios que temos por vezes que enfrentar no meio acadêmico e que fortalecem nossos propósitos.

Em 2007, com o lançamento pelo Ministério da Educação do Projeto Reuni, de reestruturação das Universidades Federais, um grupo de professores, do qual participei, viu a oportunidade

de abrir um novo campo de ensino, pesquisa e extensão na Universidade Federal da Paraíba. Há muito nos sentíamos limitados pela estrutura do Curso de Comunicação Social, voltado para o Jornalismo, Relações Públicas e Radialismo. Entendíamos que um fenômeno globalizante da Comunicação vinha se consolidando com as novas ferramentas digitais e que essa realidade não estava sendo contemplada por nosso meio acadêmico.

Propusemos, então, a criação do Curso de Comunicação em Mídias Digitais e o Departamento de Mídias Digitais-Demid com o objetivo de trabalhar a produção de conteúdos para as novas mídias, que reúnem numa mesma plataforma as noções de design gráfico, vídeo, áudio e comunicação textual. O projeto do Curso contou com o apoio da Reitoria e foi aprovado em todas as instâncias administrativas da Universidade, sendo criado em 2009, com início das atividades em 2010.

No Demid, inicialmente continuei ministrando a disciplina “Laboratório de Pequenos Meios”, oferecida ao Curso de Comunicação Social. Em seguida, dediquei-me também às disciplinas que havia proposto quando da elaboração do projeto do novo Curso, ou seja, “Editoração I” e “Fanzines e HQtrônicas”, nas quais posso desenvolver com os alunos projetos editoriais de publicações dirigidas e autorais, como cartões postais, folders, jornais murais e fanzines.

Uma das satisfações indescritíveis do labor acadêmico é perceber que com humildade e generosidade podemos contribuir

para o descortinar de um novo mundo de conhecimento para tantos jovens que buscam sedimentar uma carreira profissional. Mais ainda, que alguns dentre eles ambicionam também o ensino e a pesquisa como instrumento para a vida. Fico feliz com o êxito de alguns de meus orientandos da Graduação e do Mestrado que ora atuam em instituições de ensino superior, como é o caso de Vítor Nicolau, no Instituto Federal da Paraíba e Andréa Karinne, no Departamento de Comunicação da UFPB.



Oficina com Fernanda Meireles (à esquerda): fanzine como pedagogia e autonomia editorial

À guisa de conclusão... só o começo

Ao fazer a avaliação de minha trajetória acadêmica, percebo que consegui associar de forma orgânica minha criação artística com o trabalho pedagógico, em que transmito aos alunos e companheiros o que melhor sei e posso fazer. Toda a minha criação de quadrinhos e editorial, meu trajeto pela produção alternativa, deram-me a oportunidade de experimentar novos conceitos estéticos e políticos, inventar e reinventar-me continuamente, ensinar e aprender com os alunos, que sempre me fazem renovar o entusiasmo pelo conhecimento.

As disciplinas oferecidas por mim tanto na Graduação quanto na Pós-Graduação, inteiramente coerentes com as propostas acadêmicas dos Cursos e complementares entre si, foram a melhor forma de aplicar minha pedagogia não só como acúmulo de informação, mas como experiência de vida. Uma carreira que se iniciou em março de 1986 e que completou 30 anos, passou por todas as etapas da progressão acadêmica, seja pelos interstícios de tempo e trabalho, seja por cursos de capacitação.

A candidatura à ascensão ao nível de Titular da Universidade Federal da Paraíba faz parte desse processo como a culminância de uma vida profissional dedicada integralmente à função de promover a formação, estimular a pesquisa e desenvolver pro-

jetos de extensão cujos objetivos são a socialização do saber e o apoio aos movimentos sociais. Reforço, ainda, que meu engajamento na instância administrativa, seja na Vice-Chefia do Departamento de Comunicação e Turismo, na Vice-Coordenação do Curso de Mídias Digitais, ou na Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, fizeram-me enxergar de forma mais ampla toda a dimensão que a Universidade representa para alunos quanto professores, funcionários e para toda a sociedade.



Foto da querida amiga Nathalie Bernardo da Câmara, em 1996

Como sobre mim já está quase tudo posto, resta dizer que moro na prazerosa praia do Cabo Branco, na cidade que já foi Filipeia, Frederika, Paraíba e hoje carrega o infortúnio de se chamar João Pessoa. Alguns descolados a chamam de Jampa; outros, com arroubos ufanistas, alardeiam que é o ponto mais oriental das Américas. Para mim seria de bom grado chamá-la simplesmente Miramar.

Ando rindo à toa com a sorte que a vida me deu. Tenho o filho mais lindo do mundo, Arthur - sob os cuidados de Bárbara, a mãe mais carinhosa - e Domingos, o companheiro que me faz viver em sua plenitude o amor como a maior das subversões.

Henrique Magalhães

Henrique Magalhães

Academia não é amarelinha



Desde 1986 minha vida acadêmica como docente transcorreu nos bancos da UFPB, primeiro no Curso de Comunicação Social, em seguida no Mestrado em Comunicação e no Curso de Comunicação em Mídias Digitais. Em 2016, ao completar 30 anos de ensino, pesquisa e extensão, cheguei ao nível mais alto da carreira, com ascensão à categoria de Titular. Este memorial descritivo apresenta minhas atividades na UFPB e de como estas são indissociáveis de minha trajetória artística.

